

A atuação dos papéis sociais na mudança no sistema de tratamento no português brasileiro: análise de cartas pessoais (1870-1979)

Célia Regina dos Santos Lopes
Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
celiar.s.lopes@gmail.com

Leonardo Lennertz Marcotulio
Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
leonardo.marcotulio@gmail.com

Thiago Laurentino de Oliveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
thiago.laurentinodeoliveira@gmail.com

Recibido o 02/09/2016. Aceptado o 03/03/2017

The effect of social roles on change in the Brazilian Portuguese address system: analyzing private letters (1870-1979)

Resumo

Analizamos, neste trabalho, a emergência, no português brasileiro (PB), de um sistema variável de tratamento para a segunda pessoa do singular (2SG) envolvendo as formas *tu* e *você* na posição de sujeito. Para tanto, utilizamos uma amostra de cartas pessoais produzidas no estado do Rio de Janeiro, no período de 1870 a 1979. Objetivamos, ainda, controlar questões relativas às relações de poder e solidariedade (Brown e Gilman 1960), aos graus de parentesco e aos papéis sociais dos remetentes e destinatários das cartas. Como pressupostos teórico-metodológicos, adotamos aspectos da sociolinguística laboviana (Weinreich, Labov e Herzog 2006) e da sociolinguística histórica (Conde Silvestre 2007). Os resultados gerais indicaram que houve uma mudança de comportamento em relação às formas de 2SG ao longo do período investigado, com o espalhamento de *você* e seu caráter polifuncional nos diversos tipos de relação social simétrica e assimétrica e a redução gradativa de *tu* nas cartas pessoais.

Palabras chave

Mudança linguística, português brasileiro, sistema de tratamento

Sumario

Considerações iniciais. 2. Do presente ao passado: retratos da variação pronominal. 3. Trabalhando com cartas pessoais: problemas e soluções. 4. Mapeando a mudança na diacronia. 5. Condicionadores da mudança: a pluralidade de relações sociais. 5.1. Relações assimétricas ascendentes e descendentes. 5.2. Relações simétricas: dos resultados gerais aos específicos. 6. Considerações finais.

Abstract

In this paper, we analyze the emergence, in Brazilian Portuguese (BP), of a variable address system for the second person singular pronoun (2SG) involving *tu* and *você* in the subject position. Based on a sample of private letters written in Rio de Janeiro between 1870 and 1979, we track variables involving relations of power and solidarity (Brown and Gilman 1960), degree of kinship and social roles of the interlocutors in the letters. As a theoretical and methodological framework, we adopt aspects of Labovian sociolinguistic (Weinreich, Labov and Herzog 2006) and historical sociolinguistics (Conde Silvestre 2007). The overall results indicate a change in behaviour with regard to the 2SG-forms over the period studied, with *você* and its multi-functional character spreading into various types of symmetric and asymmetric social relationship, and a gradual reduction of the use of *tu* in private letters.

Keywords

Language change, Brazilian Portuguese, addressing system

Contents

1. Introduction. 2. From present to past: pictures of pronominal variation. 3. Working with private letters: problems and solutions. 4. Mapping diachronic change. 5. Conditioners of change: plurality of social relations. 5.1. Upward and downward asymmetrical relations. 5.2. Symmetrical relations: from overall to specific results. 6. Conclusions.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A variação na representação pronominal de segunda pessoa do singular (doravante, 2SG) consiste em um dos grandes objetos de investigação das pesquisas (socio)linguísticas brasileiras. Só no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, somam-se 3 teses e 12 dissertações publicadas entre os anos de 2004 e 2014. Esse número de investigações reflete a complexidade do objeto, condicionado por fatores pragmáticos, históricos, sociais e geográficos.

Há certa concordância entre os estudiosos de que a representação pronominal de 2SG no português brasileiro (doravante, PB) é fruto do sincretismo entre formas do paradigma *tu* e a forma nominal de tratamento *você* (< *Vossa Mercê*), que passa a funcionar como referência direta ao interlocutor via processo de gramaticalização (Lopes 2009, Rumeu 2004, Machado 2006). Dessa forma, o que se verifica atualmente no Brasil é um complexo quadro de variação linguística, sobre o qual alguns linguistas têm se debruçado a fim de descrever e mapear o comportamento das variantes nas diferentes regiões do país.

Igualmente complexo parece ser traçar o percurso diacrônico desse fenômeno e estabelecer correlações entre o processo de implementação de *você* e fatores extralinguísticos, nos moldes da sociolinguística laboviana (tais como idade, sexo, escolarização etc.). Diante desse problema, pretendemos apresentar, no presente artigo, a distribuição das formas variantes de 2SG na posição de sujeito em um espaço de 100 anos (1870-1979) com base em um *corpus* de cartas pessoais trocadas entre residentes no Rio de Janeiro. Analisamos as ocorrências coletadas à luz dos princípios da sociolinguística laboviana (Weinreich, Labov e Herzog 2006) e da sociolinguística histórica (Conde Silvestre 2007).

Partindo desses dados, objetivamos analisar o comportamento das formas *tu* e *você*, observando aspectos relativos (i) às relações de poder e solidariedade, (ii) aos graus de parentesco e (iii) aos papéis sociais assumidos pelos remetentes e destinatários. Em outras palavras, buscamos responder as seguintes questões:

- a. Como se constituiu o subsistema de tratamento atual do Rio de Janeiro (*você/tu*)? Seria possível identificar fases de mudança ao longo do tempo?
- b. As variantes *tu* e *você* sempre apresentaram os mesmos valores sociopragmáticos?
- c. Como se deu a difusão de *você* no estado do Rio de Janeiro, que abrigou a capital do Brasil até meados do século XX? O que determinou seu espraiamento para contextos antes típicos de *tu*?
- d. Como as diferentes relações de poder e solidariedade (Brown e Gilman 1960) estabelecidas entre remetentes e destinatários correlacionam-se com a distribuição das formas *tu* e *você* na diacronia?
- e. Que outros fatores sociais podem ter atuado na constituição do atual paradigma variável (*você/tu*)?

Por hipótese, argumentamos que o inovador *você* é uma estratégia híbrida e ambígua, que transita por espaços discursivo-pragmáticos distintos desde o século XIX (pelo menos): a forma resguardou propriedades do antigo tratamento nominal abstrato com traços de distanciamento, ao mesmo tempo em que concorre com o solidário *tu*, passando a funcionar, ao longo do século XX, como estratégia empregada nas relações mais simétricas e igualitárias.

Em relação aos fatores sociais, defendemos que *você* ocorreria como estratégia predominante em relações de inferior para superior (assimétricas ascendentes), pelo fato de tal forma ter herdado do *Vossa Mercê* seu caráter indireto e atenuante, marcador de respeito ou distância social. Já nas relações simétricas (horizontais e recíprocas), haveria a disputa *você/tu* com o uso mais frequente de uma ou outra estratégia a depender da época analisada. Nas relações de superior para inferior (descendentes), a ocorrência de *tu* seria esperada por quem detém maior poder (diferentes faixas etárias, sexos ou posições hierárquias institucionais).

Estruturamos este artigo da seguinte maneira: além da presente seção 1, que apresenta as considerações iniciais do trabalho, traçaremos um breve panorama dos estudos acerca da va-

riação *tu* e *você* no português brasileiro e na variedade carioca em sincronias atuais na seção 2; comentaremos aspectos concernentes aos pressupostos teóricos e metodológicos desta investigação na seção 3; apresentaremos a distribuição geral dos dados na diacronia considerada e proporemos uma periodização para a inserção de *você* na seção 4; analisaremos a atuação dos fatores sociais nas diferentes fases propostas na seção 5; concluiremos as discussões levantadas ao longo do texto acerca do tema, ressaltando os pontos mais importantes na seção 6.

2. DO PRESENTE AO PASSADO: RETRATOS DA VARIAÇÃO PRONOMINAL

O português falado atualmente na área do Rio de Janeiro caracteriza-se pela coexistência das formas *você* e *tu* na posição de sujeito como estratégias de referência à 2SG. Alguns estudos realizados apontam que os índices percentuais do pronome *tu*, categoricamente combinado a uma forma verbal sem a concordância morfológica canônica (p. ex., *tu vai*, *tu foi*, em vez de *tu vais*, *tu foste*), são, em geral, significativamente inferiores aos de *você*. A depender do tipo de amostra e da situação interacional, as frequências podem ser bastante baixas, com média de 5%, ou atingirem patamares que ultrapassem 60% de frequência como relata Paredes Silva (2003) sobre gravações ocultas de conversas naturais.

Dentre os trabalhos que investigaram a variação entre *tu* e *você* na posição de sujeito na variedade atual falada no Rio de Janeiro, destacamos o estudo de Maia (2012). Com o objetivo de coletar dados das formas pronominais de 2SG produzidas por habitantes do Rio de Janeiro em situações interativas com desconhecidos, a autora construiu um *corpus* formado por 49 gravações de fala espontânea obtidas em três áreas urbanas diferentes da cidade (Centro, Zona Norte e Zona Oeste). A partir das respectivas gravações, Maia (2012) obteve um total de 648 dados. O Gráfico 1 ilustra, em percentuais de frequência, a distribuição das formas variantes encontradas pela autora:

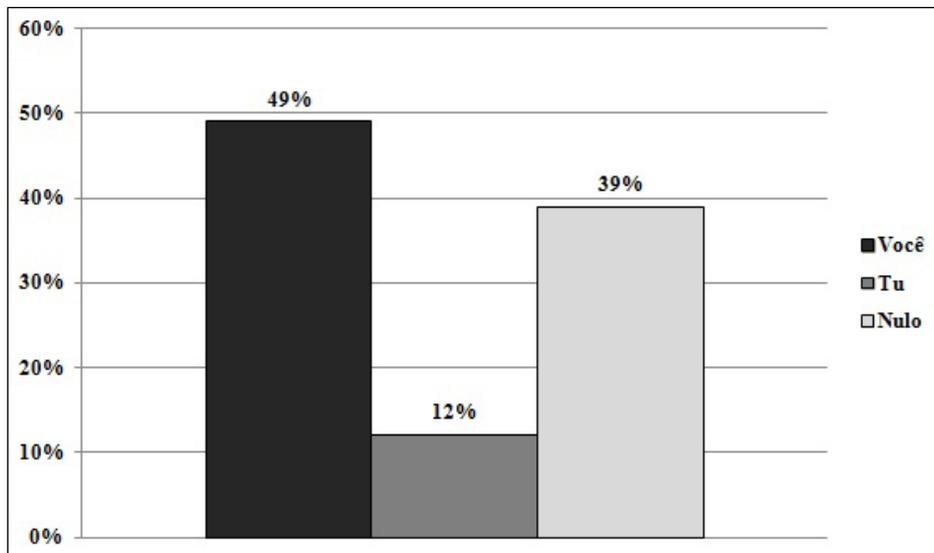


Gráfico 1. Frequência das estratégias de segunda pessoa do singular na função de sujeito a partir dos dados de Maia (2012)

Como podemos observar, embora tenha sido registrada, a variante *tu* soma um percentual de 12% (79 das 648 ocorrências), frente a 49% (318 das 648 ocorrências) de *você*. Tal resultado corroborou análises anteriores que relatam a baixa produtividade de *tu* na área do Rio de Janeiro. Maia (2012: 92) destaca, contudo, que “a forma *tu*, na posição de sujeito, mesmo com índices

baixos de frequência, foi identificada nas três áreas analisadas”, o que pode evidenciar que tal variante não esteja vinculada ao falar de uma zona específica da cidade. Além disso, Maia (2012) assinala, ainda em relação ao *tu*, que

[...] a diferença de produtividade da forma em relação à variável escolaridade não foi significativa: 8% de produtividade de *Tu* entre os universitários contra 12% de produtividade na fala de informantes com ensino médio e fundamental. Para isso, foi aventada a hipótese de que o fato de as gravações terem sido feitas em situações de maior informalidade pode ter feito emergir o *Tu* não padrão entre falantes desse grupo (Maia 2012: 122).

Resultados como o anterior levaram Scherre *et al* (2015) a propor para a área do Rio de Janeiro a existência de um subsistema de pronomes de 2SG do tipo “*você/tu* sem concordância” (identificado também em outras áreas do território brasileiro). Em seu trabalho, que traz uma tentativa de mapear sincronicamente a variação de 2SG no Brasil, Scherre *et al* (2015: 159) afirmam que “os dados demonstram que há, sim, diferenças espaciais importantes dentro de uma mesma área geográfica como o Rio de Janeiro e, também, como a Grande Brasília”. Especificamente sobre o Rio de Janeiro, as autoras comentam ainda que

Estas dimensões espaciais no Rio de Janeiro [...], como indicam os textos das pesquisas, dão o colorido social ao uso do “*tu*”. No Rio de Janeiro, há o imaginário de um “*tu*” suburbano e/ou de classe social mais baixa (Santos, 2012, pp. 65; 123-24), explorado pela televisão brasileira nas novelas e nos programas humorísticos (Scherre *et al*. 2015: 160).

Podemos dizer, com base nesses estudos, que há divergências e convergências quanto à variação entre *tu* e *você* no Rio de Janeiro atual. Por um lado, as formas variantes teriam valores socioindexicais distintos: a variante *tu* seria empregada preferencialmente em atos diretivos de maior proximidade, identidade social e na fala de jovens, enquanto a variante *você* seria neutra (sendo uma forma não-marcada), que funcionaria como uma estratégia *default* nas mais diversificadas situações comunicativas. Por outro lado, há a convergência entre *você~tu* em progressiva ascensão, com a perda do estigma de *tu* sem concordância desinencial no verbo.

Partindo desse quadro de variação atual em direção ao passado, verificamos que diversas análises, feitas a partir de cartas produzidas por residentes no Rio de Janeiro no fim do século XIX e ao longo do século XX, mostraram que os remetentes poderiam empregar, dentro da mesma carta, somente *você*, somente *tu* ou as duas formas em variação na posição de sujeito (Silva 2012, Pereira 2012, dentre outros). Entretanto, falta ainda responder algumas questões: Como se constituiu o subsistema atual de tratamento do Rio de Janeiro (*você~tu*)? Seria possível identificar fases de mudança ao longo do tempo? As formas *tu* e *você* sempre foram variantes com os mesmos valores sociogramáticos?

3. TRABALHANDO COM CARTAS PESSOAIS: PROBLEMAS E SOLUÇÕES

Para que fosse possível responder às questões aventadas neste trabalho e traçar uma visão panorâmica da variação entre *tu* e *você* em mais de 100 anos de produção escrita, utilizamos a amostra de cartas organizada por Souza (2012). Embora tal amostra não seja completamente homogênea em termos dos fatores extralinguísticos, pela própria natureza e dificuldade na organização de *corpora* em estudos históricos, a amostra é bastante representativa, como discutiremos adiante.

Recorremos, neste estudo, a uma conjugação entre a sociolinguística laboviana (SL) e a sociolinguística histórica (SH). Essas “sociolinguísticas” representam, na verdade, duas ramificações da sociolinguística *lato sensu*, coincidindo em vários pontos, tais como: a observação e descrição da chamada *heterogeneidade ordenada*, entendendo que a realidade do sistema linguístico não é homogênea e, por isso, as línguas apresentam processos de variação condicionados por fatores estruturais e sociais; o reconhecimento de que toda mudança emerge da variação; o controle de fatores externos ao sistema linguístico que podem condicionar processos de variação/mudança; a constituição de *corpora* de análise que objetivam atestar a ação das variáveis linguísticas em dados reais de uso.

Nesse sentido, a diferença efetiva entre SL e SH situa-se na metodologia e nos objetivos da investigação; enquanto a SL focaliza, geralmente, uma sincronia atual, explorando dados da oralidade e analisando processos de variação, a SH atém-se a sincronias passadas, através da escrita, e, em muitos casos, investiga processos de variação que se consolidaram em mudanças no presente.

O trabalho com a SH, todavia, requer que o pesquisador tenha consciência dos entraves que enfrentará e para os quais deverá pensar soluções. Primeiramente, é importante ter em mente que será quase impossível constituir um *corpus* histórico estritamente nos moldes labovianos, com número equilibrado de informantes distribuídos em diferentes faixas etárias, sexos e categorias sociais. Como assinala Conde Silvestre (2007), a SH trabalha com amostras naturalmente enviesadas, que sobreviveram “por acaso” à ação do tempo. Desse modo, é responsabilidade do pesquisador formular a metodologia de coleta e análise dos dados mais profícua para o fenômeno investigado.

Adotamos o gênero carta pessoal como *corpus* por razões de ordem discursiva. Graças ao caráter dialógico do gênero, o remetente precisa utilizar, com certa frequência, formas pronominais para se reportar ao destinatário. Portanto, acreditamos que o gênero epistolar seja um material adequado para a obtenção de dados do fenômeno em análise.

Quanto ao recorte cronológico, a relativa proximidade temporal (1870-1979) traz algumas vantagens para a pesquisa sócio-histórica, como, por exemplo, a legibilidade do material encontrado, a possibilidade de obter mais informações sobre sociedade em que viveram os informantes e as transformações históricas pelas quais ela passou. Há, contudo, problemas relacionados à representatividade da amostra que trazem algumas limitações à análise quantitativa. Nem sempre é possível constituir uma amostra completamente equilibrada para um largo período de tempo. A quantidade e a qualidade dos textos variam bastante de um período para outro. É tarefa árdua conseguir uma quantidade razoável de dados cujos informantes possuam características linguísticas e sociais semelhantes, a fim de que possamos comparar os dados entre si. O pesquisador deve, então, respeitar as diferenças para não negligenciar os fatores externos atuantes sobre os usos linguísticos.

No que tange à amostra selecionada, foram analisadas 366 cartas escritas entre 1870 e 1979 por pessoas pertencentes a diferentes grupos familiares (cf. Quadro 1). Grande parte das cartas está disponível no site <<http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico>>. Trata-se de um conjunto específico de fontes documentais, que integra o Projeto *Para uma História do Português Brasileiro* (PHPB), embora tenha sido criado especificamente para o estudo das mudanças do sistema pronominal, principalmente o de 2SG. A natureza diversificada da amostra é vista como uma característica favorável ao estudo de formas tratamentais, uma vez que o aparecimento destas depende de situações interativas diferenciadas. Sendo assim, o *corpus* selecionado para a análise fornece uma generosa variedade de cartas pessoais trocadas entre familiares, amigos e casais.

A procedência das cartas foi o principal critério adotado na elaboração da amostra: embora algumas delas tenham sido escritas por brasileiros que moraram, mantiveram grande parte da vida ou suas redes de relação social no Rio de Janeiro, a maioria da documentação recolhida foi produzida por brasileiros nascidos no estado, antigo Distrito Federal brasileiro. A maior parte das fontes pertenceu a indivíduos de famílias abastadas e encontra-se disponível nos acervos, arquivos e bibliotecas públicas da cidade do Rio de Janeiro. Apresentamos no Quadro 1 as amostras analisadas, o período a que elas pertencem e as relações sociais encontradas¹:

¹ Para maiores detalhes, ver Souza (2012: 68) ou acessar o site <<http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico>>.

Nome da amostra	Período	Relações sociais
Família Land Avellar	1900-1910	mãe→filho, pai→filho, filho→mãe, filho→pai, irmão→irmã/irmãos
Família Pedreira	1870-1940	mãe→filho, pai→filho, filho→mãe, filho→pai, irmão→irmã, irmã→irmão/irmãos/irmãs, freira→madre, avô→neta, sobrinha→tia, tia→sobrinha(o) e esposo→esposa
Família Cupertino	1870-1890	prima→primo, esposo→esposa, mãe→filho, amigos/pai→filha
Família Penna	1890-1920	mãe→filho, esposa→esposo, tio/a→sobrinho, irmã→irmão, filha→pai
Família Passos	1880-1900	esposo→esposa, avô→neta
Família Cruz	1880-1920	noivo→noiva, esposo→esposa, esposa→esposo, pai→filha, filha→pai, amigos
Avós Ottoni	1870-1880	avô→netos, avó→netos
Casal dos anos 1930	1930	noivo→noiva, noiva→noivo
Família Brandão	1930-1970	primo(a) → primo(a) e entre amigos
Família Lacerda	1970	amigos/namorados

Quadro 1. Amostras analisadas, com indicação do período e relações sociais

Embora não seja adequado falar em “classes sociais” para sincronias passadas (cf. Bergs 2012), é pertinente dizer que predominam, na amostra, escreventes de uma categoria social mais elevada. Esses indivíduos tiveram uma participação bastante ativa na época em que viveram, estando ligados à política (Família Penna, Família Passos, Avós Ottoni e Família Brandão), a transações comerciais (Família Land Avellar) e mesmo à ciência brasileira (Família Cruz). A grande exceção a essa característica do *corpus* é a amostra do *Casal dos anos 1930*, composta por um casal que viveu no subúrbio do Rio de Janeiro e cuja produção escrita nos permite aproximá-los a uma categoria social popular.

Após a apresentação panorâmica do *corpus* investigado, iniciamos, na próxima seção, a análise dos dados extraídos das cartas pessoais.

4. MAPEANDO A MUDANÇA NA DIACRONIA

A partir da análise das 366 cartas, obtivemos 1525 dados de pronomes pessoais com referência à 2SG em posição de sujeito para todo o período contemplado. Destes, 763 dados correspondem à forma inovadora *você* e 762 ao pronome *tu* (como sujeito pleno ou como sujeito nulo, isto é, marcado pela desinência número-pessoal do verbo). Apesar do aparente equilíbrio entre as variantes na totalidade da amostra, a distribuição da sua frequência de uso ao longo da diacronia considerada é bastante irregular, conforme ilustra o Gráfico 2:

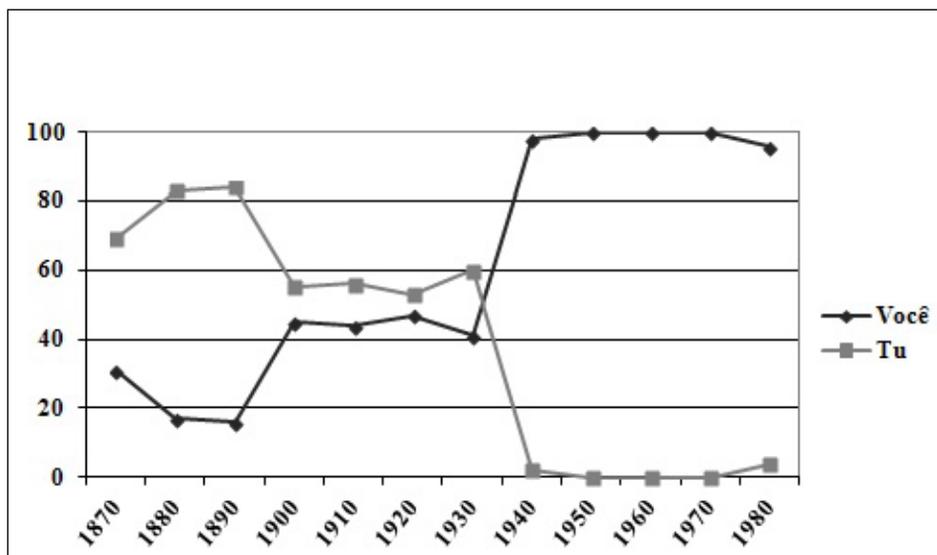


Gráfico 2. Frequência de uso de *tu* e *você* na posição de sujeito em cartas pessoais do Rio de Janeiro (adaptado de Souza 2012, com acréscimo da Família Lacerda)

Através da configuração das curvas de frequência do Gráfico 2, podemos identificar três fases do percurso de uma possível mudança. No primeiro momento, o pronome *tu* era mais produtivo do que *você*, apresentando o primeiro uma média percentual de 80%, enquanto o último registrou, em média, 20%. Isso é verificado desde o ponto inicial da diacronia considerada (1870) até a virada do século XIX para o XX. A partir de então, a distribuição das duas formas entra em uma fase bastante equilibrada, com diferenças percentuais pequenas até 1930-39 (ainda que *você* apareça com uma leve vantagem). De 1940 em diante, ocorre uma evidente inversão de comportamento de *tu* e *você* em relação à fase inicial: o uso de *você* tornou-se majoritário, com o consequente declínio de *tu* nos textos das cartas. Com base nas fases descritas, podemos propor uma periodização para a implementação de *você* na variedade fluminense (escrita), composta por três fases (Souza 2012: 90):

- 1870-1899: predomínio de *tu* sobre *você*;
- 1900-1939: alternância equilibrada entre *tu* e *você*;
- 1940-1979: predomínio de *você* sobre *tu*.

Propomos, a partir dessas três fases, que os valores das variantes e as próprias relações sociais sofreram modificações importantes ao longo das décadas. Na primeira fase (1870-1899), *tu* e *você* não eram, necessariamente, formas variantes, uma vez que a primeira era empregada nas relações mais íntimas, e a segunda ainda resguardava traços de cortesia herdados do *Vossa Mercê*. Os contextos de uso e os efeitos discursivos verificados para o emprego das duas formas também eram distintos. O pronome *você*, era empregado para atenuar pedidos, reclamações e ordens (1-2). O pronome *tu*, por sua vez, era mais recorrente como estratégia de individualização do destinatário nas relações mais íntimas (3):

- (1) Peço-te pois entenderes com elle esperando q elle assumo ao meo pedido, pelo q mui agradecido. Podia tambem escrever a seo Pae, e Dr J. P. porem entendo não ser necessario só basta q *você* si interessou. (Família Penna, Tio→Sobrinho, 1906)
- (2) *Você* va pedindo a mamãe que lhe ensine a ler e escrever para com o tempo sustentarmos uã grande correspondência. (Família Pedreira, Avô→Neta, 1886)
- (3) *Tu* resolverás como entenderes, meu querido anjo, e, eu cegamente cumprirei o que *tu* ordenares. (Família Cruz, Noivo→Noiva, 1891)

Na fase I, o emprego de *you* servia como estratégia de atenuação, a favor da polidez linguística, marcando distanciamento, o que garantia um tom menos invasivo à interação (Brown e Levinson 1987). Em (1), percebemos um emprego motivado de *you*. Há uma ordem dissimulada em pedido, o que favoreceu o emprego de um tratamento atenuador. Prevalece na carta o *tu-nulo*, quase categoricamente; não interpretamos a ocorrência de *you* destacado como uma variante pronominal, mas sim como uma forma de tratamento que minimiza a solicitação feita. O tio afirma que não era preciso fazer o pedido ao pai, uma vez que o destinatário (o sobrinho) se interessou em resolver o problema e não outra pessoa.

Na fase II (1900-1939), contudo, a forma *you* começa a ocorrer nos mesmos ambientes discursivos de *tu*, sendo empregada em contextos mais informais e íntimos, como em (4):

- (4) Pode *you* bem calcular o vazio infinito que se fez na minha vida. (Família Brandão, Amigos, 1934)

O tipo de relação estabelecida nas cartas e o grau de parentesco também parecem atuar na escolha das formas. Quanto maior era a relação de intimidade entre os missivistas, maior o emprego de *tu*. Quanto menor era a relação de intimidade, maior o uso de *you*, que preservava a semântica de [+distanciamento]. As relações familiares nucleares entre parentes consanguíneos e as relações entre casais, entretanto, teriam sido, por hipótese, os contextos de uso que retardaram o emprego de *you*.

A fase II mostra o momento crucial da disputa entre as duas estratégias na amostra. Uma hipótese explicativa para tal percurso deve calcar-se no quadro social que se delineou ao longo do século XX em grandes cidades brasileiras, como é caso do Rio de Janeiro. As formas de referência à 2SG acompanharam as mudanças nas relações sociais. Com a modernização e a industrialização dos principais centros urbanos do Brasil, a partir da década de 1930 surge um novo grupo social: a burguesia industrial (Boris 1997). As alterações advindas da crise econômica do setor agroexportador do café e a consolidação econômica baseada na indústria afetaram as relações sociais e, conseqüentemente, as formas utilizadas no tratamento. Os anos 1930 representam um divisor de águas no Brasil, marcado pela expansão de novas camadas sociais e da mobilidade na estrutura de classes. Tal mudança foi motivada também pela ampliação do mercado de trabalho e do mercado consumidor, principalmente na capital do país. Foi um período propício às mudanças no âmbito sociolinguístico do tratamento na esfera familiar, pessoal e interpessoal. Por essa razão, as formas de tratamento tornaram-se mais instáveis neste período. A reestruturação dos papéis sociais propiciou o emprego de um tratamento menos marcado, o que favoreceu a crescente neutralização semântica de *you* e sua maior frequência de uso.

Na fase III (1940-1979), o uso de *you* suplantou o de *tu*, espalhando-se pelos contextos anteriormente restritos a este último. Como forma neutra, *you* tornou-se uma estratégia “coringa” para os novos papéis sociais, principalmente em uma cidade cosmopolita como o Rio de Janeiro:

- (5) São três e meia da manhã de domingo acabei de chegar do samba e ao subir me entregaram sua carta que em poucas linhas disse muitas coisas bonitas coisas que *you* sabe que sinto mas que não consigo passar para o papel. (Família Lacerda, Namorado→Namorada, 1977)

A partir da distribuição irregular das variantes detectada nas três fases, cabe-nos, na seção seguinte, realizar análises parciais de cada recorte temporal, para tentarmos compreender como se deu a difusão de *you*, o que pode ter determinado seu espalhamento para contextos antes típicos de *tu* e em que espaços discursivo-funcionais *tu* sobreviveu. Mostraremos a antefigação das formas *tu* e *you*, tendo em vista as relações sociais estabelecidas entre remetente e destinatário. Tal exposição utilizará as fases propostas com base no Gráfico 2. Discutiremos, então, os resultados das relações assimétricas e simétricas para, por fim, apresentarmos algumas generalizações a partir da amostra de cartas em foco.

5. CONDICIONADORES DA MUDANÇA: A PLURALIDADE DE RELAÇÕES SOCIAIS

Para controlar os tipos de relações sociais, baseamo-nos no modelo proposto por Brown e Gilman (1960). Adotamos tal perspectiva pelo fato de a amostra referir-se a um período histórico em que as relações sociais e familiares ainda eram fortemente marcadas ou hierarquizadas. A oposição entre *poder* e *solidariedade* que aparece nesse texto clássico já foi revisitada em diversos estudos. Briz (2004: 80), por exemplo, considera que a *solidariedade* se refere a relações de *proximidade* e *simetria* entre os interlocutores, que são negociadas e construídas na interação, independentemente do estatuto social. Nesse sentido, as relações mais simétricas seriam aquelas em que existe, ou parece existir, igualdade funcional entre os participantes da interação, tais como idade, sexo ou profissão. Outros fatores socioprágmaticos que também definem as interações de proximidade são: o maior grau de compartilhamento de experiências ou saberes entre os interlocutores, o maior grau de contato físico e de compromisso afetivo. As relações assimétricas são marcadas pelo *poder*, com relações verticais, diferenciáveis ou não-recíprocas (diferentes faixas etárias, sexos ou posições hierárquias institucionais). O papel funcional, os direitos e as obrigações apresentam-se de algum modo determinados e mais estritamente submetidos a convenções sociais.

Dessa forma, nossa hipótese principal é a de que o pronome *você* ocorreria como estratégia predominante em relações de inferior para superior (assimétricas ascendentes), pelo fato de tal forma ter herdado do tratamento nominal *Vossa Mercê* seu caráter indireto e atenuante, marcando respeito ou distância social. Nas relações simétricas (horizontais e recíprocas), haveria a disputa *você/tu* com o uso mais frequente de uma ou outra estratégia a depender da época analisada. Já nas relações de superior para inferior (descendentes), a ocorrência de *tu* seria esperada por quem detém maior poder – diferentes faixas etárias, sexos ou posições hierárquias institucionais (Arduin 2005: 25). Os estudos que trabalham à luz desses pressupostos discutem ainda que as sociedades contemporâneas estariam se tornando mais abertas e igualitárias, substituindo o eixo do poder pelo da solidariedade. Nesse sentido, haveria a diminuição da frequência de tratamento assimétrico em favor de um tratamento simétrico e solidário.

Para a análise dos dados, organizamos as relações sociais da seguinte forma: (i) *Assimétricas ascendentes* (inferior-superior): filhos→pais, sobrinho→tio, freira→madre etc; (ii) *Simétricas* (iguais): primos, amigos, irmãos, cunhados e casais; (iii) *Assimétricas descendentes* (superior-inferior): pai→filho, avô→neto, tio→sobrinho etc. Como a distribuição das duas variantes é diferente nas três fases mostradas no Gráfico 2 é imprescindível analisar o emprego de *tu* e *você* nas diferentes relações sociais pelas fases, como mostra o Gráfico 3:

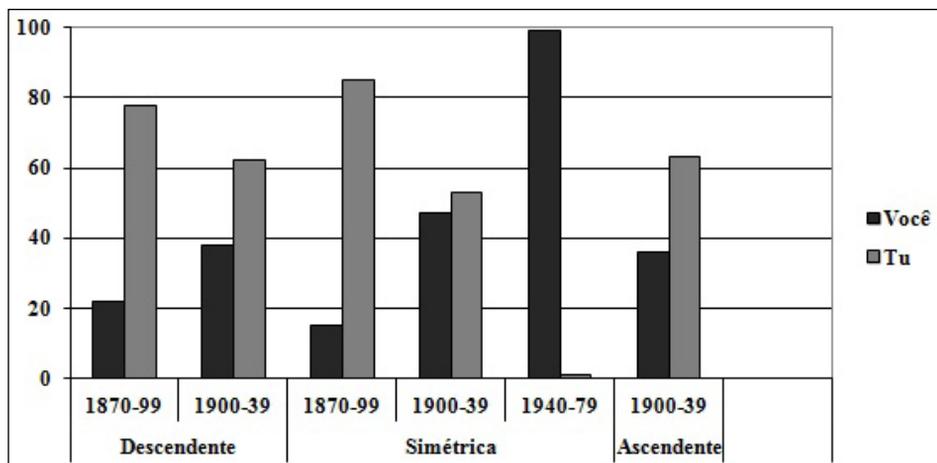


Gráfico 3. Distribuição das formas *tu* e *você* nas três fases: tipo de relação em cartas do Rio de Janeiro

Embora não tenhamos obtido todos os tipos de relação nas três fases, como se vê no Gráfico 3, podemos observar, em termos gerais, o espriamento e o caráter polifuncional de *you* ao longo do tempo nos diferentes tipos de relação. Notamos também a perda gradativa no emprego de *tu*. Nas relações descendentes (superior-inferior), com dados apenas nas duas primeiras fases, observamos que, de uma fase para a outra, as taxas de *you* aumentaram (de 22% para 38%), embora o emprego de *tu* fosse mais frequente, sustentando a hipótese inicial. Nas relações simétricas, fica nítida a difusão gradativa de *you* de uma fase para outra: 15% na fase I, 47% na fase II e 99% na III. Nas relações ascendentes (inferior-superior), *you* se mostrou pouco produtivo na fase II (36%), prevalecendo *tu* nas primeiras décadas do século XX (63%). Tal resultado para as relações ascendentes não condiz com a hipótese de um uso mais distante e polido de *you* herdado do tratamento original *Vossa Mercê*. Que fatores poderiam ajudar a compreender tais resultados? A associação entre tipo de relação e grau de parentesco poderia elucidar a questão?

5.1. Relações assimétricas ascendentes e descendentes

Na Tabela 1, a seguir, apresentamos algumas das relações de parentesco estabelecidas entre remetente e destinatário nas relações assimétricas controladas na amostra, considerando as três fases postuladas na análise:

Relação Assimétrica	Parentesco	(I) 1870-99	(II) 1900-1939	(III) 1940-1979
Descendente (superior-inferior)	Pai-filho	8/69 12%	02/45 4%	--
	Mãe-filho	14/18 78%	42/85 50%	--
	Tia-sobrinho	04/06 67%	05/16 31%	--
	Avô-neto	11/74 15%	0/03 0%	--
Ascendente (inferior-superior)	Filho-pai	--	02/25 8%	---
	Filho-mãe	---	08/08 100%	---
	Sobrinho-tia	--	03/03 100%	--

Tabela 1. Distribuição de frequência da forma *you*: graus de parentesco em relações assimétricas nas cartas do Rio de Janeiro por fase

Podemos notar que há uma diferença de comportamento nesse tipo de relação a depender do sexo do remetente. Em algumas relações assimétricas descendentes entre homens (pai-filho e avô-neto), prevalece o *tu*, ao passo que há o predomínio de *you* se o remetente desse tipo de relação for mulher (mãe-filho e tia-sobrinho), como exemplificamos em (6-8):

- (6) Quando *vossé* aqui esteve conversamos a respeito da casa do J. L., por isso faço esta te perguntando, se esqueceu, estou ouvindo dizer que o F. foi ahi e quiz comprar a casa, mas não sei se estão em negocio, caso o J. L. não queira vender tudo, pode-se ver se elle vende um pedaço do terreno. *Vossé* querendo me favorecer, compra para *vossé* (...). (Família Penna, Tia→Sobrinho, 1909)
- (7) Desde que *voce* está ahi C. vai bem com o collegio, tem 17, e dia 1º deve entrar mais uma menina e o [novato] que esta no Rio ha dois mezes. O T. vai bem, hoje vai te escrever. (Família Land Avellar, Mãe→Filho, 1907)
- (8) Tenho tido noticias suas, não tenho escrito porque sei que não *tens* tempo para responder. Sinto bem *you* não ter mais calma para fazer o seu trabalho, não se alimentar bem e com socego. Agora *you* deve estar mais tranquilo e mais contente com a presença de M. e filhinhos. (Família Penna, Mãe→Filho, 1919)

Em (6-8), destacamos os exemplos de remetentes femininas (mãe e tia). Em (6) e (7), o emprego de *you* na posição de sujeito é a única estratégia de 2SG, seja na carta da Tia pedindo ao sobrinho informações sobre a compra de uma casa, seja na carta da Mãe dando notícias ao Filho. Em (8), as ocorrências de *you* aparecem em variação com o *tu-nulo* na mesma carta, evidenciando o avanço da forma inovadora *you* nos espaços funcionais típicos de *tu*.

Nos exemplos (9) e (10), temos ocorrências extraídas de cartas enviadas por um mesmo remetente. O uso de *tu* é majoritário nessas cartas, sem variação na posição de sujeito (9). Em (10), porém, podemos interpretar que houve uma motivação sociopragmática para o emprego de *you*. Aparentemente, há uma ordem dissimulada em um pedido, o que favorece o emprego de um tratamento atenuador. Como o Pai emprega quase categoricamente o *tu-nulo*, o uso de *you* não consiste em uma variante pronominal, mas em uma forma de tratamento que minimiza a solicitação feita. O Pai é bastante direto na sua determinação: “vai uma carta de M. D. para *you* providenciar” (o filho, e não outra pessoa, que deve providenciar):

(9) *Escrevas quando puderes, ao menos uma vez por semana. (...) Dou te parabens por teres tido occasião de mostrar tua applicação na aula de Dr E. L. Nada satisfaz mais a quem estuda do que ser chamado á licção, porque assim os Mestres tem occazião de saber quanto se vale... (Família Penna, Pai→Filho, 1898)*

(10) *Estou um pouco indeflexado, mas é causa que não vale a pena. Ahi vai uma carta de M. D. para *you* providenciar. Respondi-lhe que confiara esse negocio a *you*. (Família Penna, Pai→Filho, 1905)*

Nas relações assimétricas ascendentes (inferior-superior), registramos poucos dados que são exclusivos da fase II (1900-1939), mas há, do mesmo modo, diferenças no comportamento de homens e mulheres: uso menos frequente de *you* na relação Filho→Pai (8%) e seu emprego categórico quando o destinatário é uma mulher (tia ou mãe). Nas cartas direcionadas às mulheres mais velhas, não era comum o emprego do *tu-íntimo*; ou se empregava *you*, como consta da Tabela 1, ou se empregava um tratamento ainda mais distante, como *a senhora* (11):

(11) *Pela carta do E. vi que *a senhora* pretende descer quando isso fizer escolha um sabbado para podermos estar juntos dia de semana nem eu nem os pequenos podemos perder tempo. (Família Land Avellar, Filho→Mãe, 1915)*

Os resultados apresentados reiteram estudos anteriores que identificaram a variante *you* como a principal estratégia empregada pelas mulheres na sociedade brasileira do século XIX (Lopes e Machado 2005, Soto 2007, Rumeu 2008). Tal uso se explicaria pela manutenção da indiretividade do tratamento original *Vossa Mercê*, com a conservação de algum resquício de distanciamento, em um primeiro momento, e a generalização do emprego de *you* em diversas situações de uso em uma fase seguinte. Com base no estudo de Koch (2008: 59) para o espanhol, podemos dizer que a forma *you* teria herdado, primeiramente, o caráter atenuante da estratégia-fonte *Vossa Mercê*, por isso seria menos “ameaçador ao interlocutor”. Empregar *tu* poderia não ser tão “adequado” às figuras femininas no contexto social de fins do século XIX e início do XX, uma vez que tratar o interlocutor de forma mais direta com um pronome de 2SG poderia ser um ato invasivo à face do destinatário (Brown e Levinson 1987).

Em síntese, a hipótese do emprego de *you* marcando distanciamento, até o fim dos anos 1930, se sustenta parcialmente e parece estar relacionada ao sexo e, até mesmo, à idade do remetente. Se as mulheres empregavam mais *you* do que *tu*, elas podem ter sido as difusoras dessa forma pronominal de 2SG. Os resultados das relações simétricas, expostos a seguir, podem corroborar tal postulação.

5.2. Relações simétricas: dos resultados gerais aos específicos

Para as relações simétricas, separamos as relações solidárias e as relações entre casais. No primeiro caso, os resultados da Tabela 2 mostram a substituição de *tu* por *you* ao longo das três fases. No segundo, vemos o predomínio de *tu* até os anos quarenta do século XX (Fase II):

Relação	Parentesco	(I) 1870-99	(II) 1900-1939	(III) 1940-1979
Simétricas	Amigos	07/44 16%	06/08 75%	252/254 99%
	Primos	14/14 100%	14/15 93%	24/35 100%
	Irmãs	--	158/252 63%	19/19 100%
	Irmãos	--	65/160 40%	33/34 97%
	Cunhados	---	11/11 100%	---
Casais	Marido-mulher	06/23 26%	0/24 0%	--
	Noivos	1/105 1%	50/181 28%	--

Tabela 2. Distribuição da forma *ocê*: graus de parentesco em relações simétricas nas cartas do Rio de Janeiro por fase

A Tabela 2 mostra que as relações simétricas mais solidárias apresentam uma distribuição equilibrada nas três fases. A partir dos índices percentuais da referida tabela, projetamos o Gráfico 4, que delinea de maneira comparativa tais relações nas três fases consideradas:

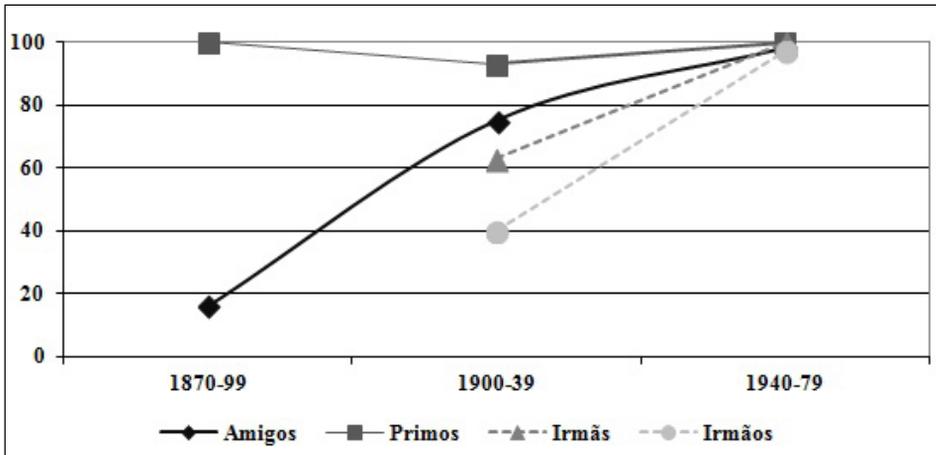


Gráfico 4. Frequência de uso de *ocê* nas relações simétricas por fase em cartas do Rio de Janeiro

Percebemos, no Gráfico 4, que *ocê* segue substituindo *tu* ao longo do século nas relações entre iguais. É um espaço funcional que tal forma passa a ocupar gradativamente. Podemos inferir que o aumento de *ocê* nesse gráfico diacrônico-social está relacionado principalmente à disseminação de seu uso nas relações igualitárias, principalmente entre amigos, em que se verifica uma mudança de comportamento de uma fase para outra, como atestam os exemplos (12-15):

(12) Estimando que tudo *encontres* a teu gosto, peço-te que *desculpes* a demora devida somente ao facto de ter estado até agora ausente de Pariz o amigo a quem eu incumbira de as mandar gravar. (Família Cupertino, Amigos, 1882)

(13) Realmente suppunha que já *tinhas* perdido a memoria que não te *lembravas* mais de um dos teus mais humildes amigos! Vejo, felizmente, que me enganei com a tua cartinha; e bem pequena que esta

foi, de 7 do espirante mez.(...) Folgo de ver que gozas saude em companhia de D E. a quem me *farás* lembrado, assim como L. que a abraça. (Família Cupertino, Amigos, 1882)

- (14) Eu procuro me distribuir o mais possivel para não me lembrar que *vossê* prosegue n'um impenetravel mysterio; que uma bella realidade appareça que *mandes* sanar a portaria. (Família Cruz, Amigos, 1899)
- (15) Hontem envie-i-lhe, um estamento: 'mas quem é burro, péde á Deus que o mate e o diabo que o carrêgue'. Deixe de lado a diplomacia, em nada alteraria minha amisade por você, mêsmo que *você* ache alias com razão, que o 'Glorioso Passado', não merece ser prefaciado por você, nada alteraria a nôssa cordialidade. (Família Brandão, Amigos, 1966)

Os exemplos (12-15) foram extraídos de cartas de amigos e correspondem a épocas diferentes. Embora sejam fragmentos das cartas, em (12) e (13), o tratamento predominante é a forma *tu-nulo* (*encontres, tinhas, lembravas*). Em (14), há também o predomínio de *tu* íntimo e solidário, mas na carta há variação entre *você* (grafado *vossê*) e *tu-nulo* (*mandes*). Os três exemplos foram escritos em fins do século XIX. O excerto (15) mantém o tom amistoso das cartas anteriores, mas foi retirado de uma carta da segunda metade do século XX e, nesse caso, só houve dados de *você*.

Há ainda dois aspectos interessantes a serem observados no Gráfico 4. O primeiro diz respeito à comparação entre homens e mulheres, conforme destacamos nos resultados das relações assimétricas. Novamente, verificamos que os remetentes masculinos usaram, ao longo do tempo, mais *tu* do que as remetentes femininas. No Gráfico 4, podemos notar que nas cartas trocadas entre irmãs os índices de *você* é de 63% entre 1900-1939, enquanto os irmãos apresentam 40% de frequência na mesma fase.

Além das relações solidárias no sentido amplo, é preciso discutir separadamente o emprego tratamental nas relações amorosas. Na Tabela 2, observamos que as cartas trocadas entre casais apresentam um comportamento diferenciado das demais relações simétricas. Nas duas primeiras fases, as cartas amorosas desfavoreciam o emprego de *você* em relação a *tu*. Na fase II, temos os dados do *Casal dos anos 30* (identificados por “noivos”), cujos remetentes pertencem a uma categoria social mais popular, e de outros escreventes de categoria social mais elevada (rotulados por “Marido-mulher”). Apesar dessa disparidade de classes, os dados sugerem que o desfavorecimento de *você*, nesse caso, não é reflexo da diferença de categoria social, mas que talvez seja uma característica das cartas amorosas trocadas por casais, haja vista que tanto “Marido-mulher” quanto “noivos” utilizam exclusiva ou majoritariamente *tu* no tratamento ao interlocutor.

Em termos comparativos, entretanto, há um ligeiro favorecimento para *você* na relação entre Marido→mulher no século XIX, que se altera no início do século XX. Nesse caso, podemos interpretar um *você* com um resquício de deferência e respeito, uma vez que não necessariamente as relações entre casais eram consideradas simétricas em finais do século XIX. Em (16), apresentamos um exemplo de *você* (grafado V.) e, em (17), uma ocorrência de *tu* entre Marido→mulher:

- (16) Eu devo formar me como já disse na 2ª feira, si Deus quizer, eu só desejo não fazer figura vaiado pois o resultado tenho certeza de que não será disponível. Assim, pois, vou a festa. V. me espere. Quando digo que me espere não quero dizer que guarde jantar, porque jantarei na Barra”. (Família Cupertino, Esposo→Esposa, 1886)
- (17) Vai esta só para avisar a Vocês que acabamos de chegar aqui, 6h da tarde, em boa saúde felismente, apesar do grande calor que *terás* tido, de passar alguns dias com nossos caros Paes, em Santa Fé, alegrando-os com sua companhia; e mais que todo convertendo tantas pobres almas que vivem ahi. (...) escreve Meu anjo a teu marido que por ti suspira aqui abandonado. (Família Pedreira, Esposo→Esposa, 1910)

O dado (16) é bastante interessante e foi retirado de uma carta de fins do século XIX, com *você* exclusivo. Primeiramente, *você* aparece em sua forma abreviada, nitidamente como um tratamento de deferência, que remete à forma original. Tal emprego parece atenuar um pedido,

um tanto imperativo (“ *você me espere*”). Seu uso no contexto da carta pareceu ao remetente Antonio demasiadamente incisivo, a ponto de ele justificar-se com uma ressalva que minimiza o tom da solicitação (“Quando digo que espere não quero dizer...”).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos com os dados de cartas escritas por remetentes que nasceram ou viveram grande parte da vida no Rio de Janeiro, antiga capital do Brasil, evidenciaram uma mudança de comportamento com relação ao uso das formas variantes *tu* e *você*. Observamos o espriamento de *você* e seu caráter polifuncional a partir do aumento de uso nos diferentes tipos de relação, simétricas e assimétricas. Paulatinamente, verificamos a perda gradativa do emprego do pronome *tu* na escrita epistolar de cunho pessoal. Além disso, a análise dos dados possibilitou o delineamento de três fases do processo de mudança a partir da distribuição diacrônica dos resultados. São elas:

- *Fase I* (1870-1899): predomínio de *tu* sobre *você*. *Você* provavelmente ainda estava relacionado a *Vossa Mercê* e *tu* exclusivo nas relações íntimas;
- *Fase II* (1900-1939): intensa variação entre *você* e *tu*. Momento em que *você* parece começar a aparecer nos espaços discursivo-funcionais antes exclusivos para *tu*;
- *Fase III* (1940-1979): espriamento de *você*, que supera decisivamente *tu* em termos de frequência. *Você* já se constitui como forma *default*, não-marcada e frequente nos mais diferentes tipos de relação social.

Como vimos, na primeira fase, que corresponde ao fim do século XIX e alvorecer do século XX, o emprego de *tu* era mais frequente que o pronome *você* principalmente nas relações simétricas e de maior intimidade, embora alguns dos espaços funcionais que se firmarão mais tarde para *você* já aparecessem timidamente nesse período: maior neutralidade e caráter “menos invasivo”.

Na segunda fase, verificamos uma disputa bem significativa entre *você* e *tu*. O emprego de *você* ainda marcava certa deferência em alguns tipos de relação (sobrinho-tia, filho-mãe). Nas relações descendentes, o comportamento é outro, com o uso mais produtivo de *tu* nas cartas das tias e das mães, para seus sobrinhos e filhos, respectivamente. Entre os homens, mesmo que houvesse assimetria entre eles, prevalecia *tu*, que não parecia ser de uso comum ou adequado para mulheres. Gradativamente, a forma *você* foi ocupando o lugar de *tu* também nas relações simétricas entre iguais. É o espaço funcional que tal forma passou a ocupar de maneira paulatina. A difusão de *você*, ao longo do século XX no Rio de Janeiro, está relacionada principalmente à disseminação de seu uso nas relações igualitárias.

Como mostrou Rumeu (2008), verificamos na amostra de cartas analisada que homens e mulheres apresentavam comportamento diferente. As mulheres aparecem como pioneiras na generalização de *você* desde o século XIX. Por hipótese, e com base nos resultados que temos até agora, defendemos que *tu* seria íntimo demais para ser empregado em uma carta feminina na sociedade oitocentista. A forma *você*, embora tenha perdido o caráter reverencial de *Vossa Mercê*, era interpretada como uma forma de prestígio ou menos marcada, ou seja, mais neutra e, por isso, era adotada pelas senhoras dos oitocentos.

A generalização de *você* nos diferentes tipos de relação evidencia que seu caráter polifuncional – encontrado esporadicamente desde o século XIX – não se perdeu completamente, acompanhando as mudanças sociais ocorridas ao longo do século XX. A forma inovadora, como estratégia de 2SG, difundiu-se como uma estratégia neutra que pode ser utilizada em, praticamente, qualquer situação comunicativa.

Os resultados obtidos, pautados sobretudo no controle dos eixos hierárquico-sociais (de acordo com os pressupostos de Brown e Gilman) e do sexo dos informantes, apontam para a implementação do pronome *você*, que chega a suplantiar as taxas do pronome original *tu*, conferindo relevância às relações simétricas e ao papel desempenhado pelas mulheres numa sociedade em constante transformação, como o Rio de Janeiro da primeira metade do século XX.

Seria interessante, em um próximo estágio da pesquisa, investigar como esse espriamento se dá em função da estrutura social, com especial destaque às diferentes classes sociais, de modo a confirmar (ou não) hipóteses já aventadas pela literatura, a partir das quais a forma inovadora teria sido utilizada inicialmente por classes mais altas, difundindo-se e popularizando-se em estratos mais baixos, tal como ocorreu com as formas de tratamento *Vós/Vos* (port./esp.), *Vossa Mercê* (port.), *Vuestra Merced* (esp.) e *you* (ing.) (Cintra 1972, Faraco 1996, Lopes e Duarte 2003, Raumolin-Brunberg 2005, Hummel *et al* 2010). Seria igualmente interessante investigar em que medida os dados do português brasileiro poderiam dialogar com dados advindos de variedades hispano-americanas, como o espanhol colombiano, por exemplo, em que algo semelhante ocorre, com o deslocamento da forma de cortesia *usted* ao terreno da intimidade originalmente ocupado pelo pronome *tú* (Hummel *et al* 2010). Em função dos limites deste artigo (e do próprio *corpus* que selecionamos para este estudo, que conta majoritariamente com informantes pertencentes a classes altas), essas questões não serão aqui tratadas. Essas hipóteses de trabalho, que fazem parte de nossa agenda de pesquisa para investigações futuras, poderão aportar contribuições significativas ao entendimento dos fatores sociais que subjazem a dinâmica do tratamento no português brasileiro.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES): Célia Regina dos Santos Lopes, Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pesquisadora nível 1D do CNPq (Processo 307140/2014-8); Leonardo Lennertz Marcotulio, Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Bolsista CAPES/DGPU de Pós-doutorado do Instituto da Língua Galega, Universidade de Santiago de Compostela (Processo: 7214/15-4); Thiago Laurentino de Oliveira, Doutorando da Universidade Federal do Rio de Janeiro e bolsista do CNPq (Processo: 140721/2014-2).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arduin, Joana (2005): *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*. Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de mestrado inédita.
- Bergs, Alexander (2012): "The Uniformitarian Principle and the risk of anachronisms in language and social history", em Juan Manuel Hernández-Campoy / Juan Camilo Conde-Silvestre (orgs.), *The handbook of historical sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 80-98. <http://dx.doi.org/10.1002/9781118257227.ch5>.
- Boris, Fausto (1997): *A Revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Briz, Antonio (2004): "Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada en la conversación", em Diana Bravo / Antonio Briz (eds.), *Pragmática sociocultural – Estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 67-93.
- Brown, Penelope / Stephen Levinson (1987): *Politeness: some universal in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Brown, Roger / Albert Gilman (1960): "The pronouns of power and solidarity", em Thomas Albert Sebeok (ed.), *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 253-276.
- Cintra, Luís Filipe Lindley (1972): *Sobre "Formas de Tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Conde Silvestre, Juan Camilo (2007): *Sociolingüística histórica*. Madrid: Gredos.
- Faraco, Carlos Alberto (1996): "O tratamento você em português: uma abordagem histórica", *Fragmenta* 13, 51-82.
- Hummel, Martin *et al.* (2010): *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico*. México DF: El Colegio de México / Karl-Franzens Universität Graz.
- Koch, Peter (2008): "Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: el ejemplo del tratamiento *vuestra merced* en español", em Johannes Kabatek (ed.), *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid / Frankfurt: Iberoamericana / Vervuert, 53-88.

- Lopes, Célia Regina dos Santos (2009): "Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX", em Arnaldo Cortina / Silvia Maria Gomes da Conceição Nasser (orgs.), *Sujeito e linguagem: séries trilhas linguísticas*, vol. 17. Araraquara: Cultura Acadêmica, 47-74.
- Lopes, Célia Regina Dos Santos / Ana Carolina Morito Machado (2005): "Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós", em Célia Regina dos Santos Lopes (org.), *A Norma Brasileira em construção. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro / Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, 45-66.
- Lopes, Célia Regina dos Santos / Maria Eugenia Lamoglia Duarte (2003): "De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas", em Silvia Figueiredo Brandão / Maria Antônia Mota (orgs.), *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 61-76.
- Machado, Ana Carolina Morito (2006): *A implementação de você no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado inédita.
- Maia, Viviane dos Santos (2012): "Tu vai para onde?... Você vai para onde": manifestações da segunda pessoa na fala carioca. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado inédita.
- Paredes Silva, Vera Lúcia (2003): "O retorno do pronome tu à fala carioca", em Cláudia Roncarati / Jussara Abraçado (orgs.), *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 letras, 160-169.
- Pereira, Rachel de Oliveira (2012): *O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna: um estudo diacrônico*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado inédita.
- Raumolin-Brunberg, Helena (2005): "The diffusion of subject you: a case study in historical linguistics", *Language variation and change* 17, 55-73. <http://dx.doi.org/10.1017/S0954394505050039>.
- Rumeu, Márcia Cristina de Brito (2004): *Para uma história do Português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado inédita.
- Rumeu, Márcia Cristina de Brito (2008): *A implementação do você no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese de doutoramento inédita.
- Scherre, Marta et al (2015): "Variação dos pronomes tu e você", em Marco Antonio Martins / Jussara Abraçado (orgs.), *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 133-172.
- Silva, Érica Nascimento (2012): *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado inédita.
- Silva, Paula Fernandes da (2012): *O tratamento no início do século XX: Uma análise sociopragmática das cartas da família Land Avellar*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado inédita.
- Soto, Ucy (2007): *Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira*. Niterói: Editora da UFF.
- Souza, Janaina Pedreira Fernandes de (2012): *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado inédita.
- Weinreich, Uriel / William Labov / Marvin I. Herzog (2006): *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola.